

MERCADO DE INGREDIENTES _____



Por
Glaucio Rodrigues Carvalho

Economista, Ph.D. em Economia Agrícola pela Texas A&M University. Pesquisador da Embrapa Gado de Leite com pesquisas relacionadas ao mercado de leite, competitividade e impacto político.

Inflação, taxa de câmbio e incertezas



Nos últimos meses a preocupação com a inflação voltou a chamar a atenção no noticiário brasileiro, fechando 2024 em 4,83%, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Essa alta de 2024 ficou acima do teto da meta de inflação, estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional, no valor de 4,5%. O setor de alimentos brasileiro foi o alvo principal das notícias, com alta de 7,1% na cesta de alimentos nos últimos doze meses encerrados em fevereiro/25. As carnes subiram 22%, os lácteos 8,3%, o leite UHT registrou elevação de 11,1%. O campeão foi o café, com alta de 66% em 12 meses.

No entanto, vale lembrar que existiram diversas causas por trás dessa elevação de preços: como condições meteorológicas adversas, gastos públicos elevados, desvalorização da taxa de câmbio, demanda aquecida, entre outros fatores que contribuíram para o encarecimento de itens essenciais da cesta básica. O grande economista Mário Henrique Simonsen dizia “A inflação aleija, mas o câmbio mata” em alusão ao que os economistas consideram o tripé fundamental para o crescimento econômico, representado por responsabilidade fiscal, metas de inflação e câmbio flutuante.

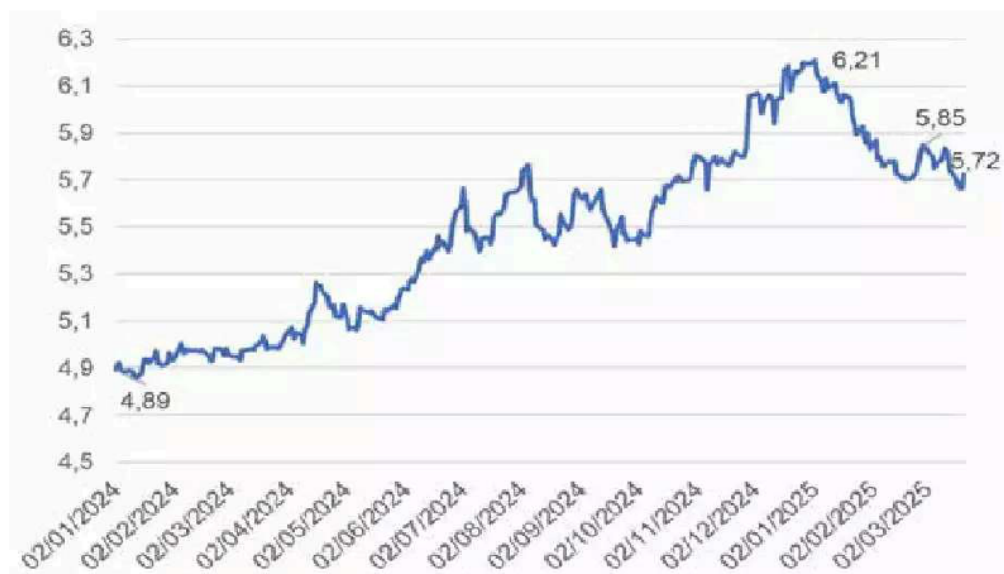
A taxa de câmbio tem impacto direto na inflação, já que desvalorização do real frente ao dólar leva a um aumento de preços dos produtos e dos insumos dolarizados. Importações de fertilizantes, vitaminas, entre outras matérias-primas, acabam ficando sensíveis ao movimento cambial. Da mesma forma, produtos exportados como milho, soja, carnes também são impactados. Para empresas endividadas em dólar, o cenário é ainda mais complicado. Em 2008, quando a quebra do banco americano Lehman Brothers deixou o mundo em pânico, houve uma forte desvalorização cambial no Brasil, com diversas

vítimas. Empresas como Sadia, Aracruz e Votorantim registraram prejuízos bilionários. A Sadia foi o caso mais clássico de perdas com derivativos cambiais, levando a companhia a amargar um prejuízo histórico de 2,5 bilhões de reais, que culminou em sua fusão com a Perdigão em 2009.

No último ano, a taxa de câmbio brasileira, medida em Reais/Dólar, sofreu uma desvalorização de 17%, passando de 4,89 em janeiro de 2024 para 5,72 no final de março de 2025. No início de janeiro de 2025, no entanto, a cotação do dólar bateu 6,21 reais em meio às incertezas na política fiscal e no cenário internacional (Figura 1). Tais oscilações dificultam as decisões de reajustes de preços e repasse das empresas, que ainda precisam lidar com a volatilidade nas cotações de insumos, exigindo um bom planejamento e gestão de risco cambial. As previsões mais recentes para o Brasil, divulgadas no relatório de mercado do Banco Central, indicam uma taxa de câmbio para final de 2025 em 6,0 reais por dólar, com taxa Selic de 15,0% e um crescimento do PIB em 2,01%, após uma expansão de 3,4% em 2024. Portanto, um cenário mais desafiador.



MERCADO DE INGREDIENTES



Para as commodities, milho e soja, os primeiros números esperados para a próxima safra dos EUA indicam aumento na área do cereal e recuo na área de soja. Com isso, pode-se esperar alguma recomposição dos estoques mundiais de milho. Já no Brasil, observa-se uma situação parecida, com maior valorização do milho em relação a soja, refletindo a baixa disponibilidade do cereal neste primeiro semestre e boa demanda dos consumidores. De março de 2024 para março de 2025, a alta no milho foi de 43% (Figura 2). Neste mesmo período, o farelo de soja manteve seus preços relativamente mais estáveis e com recuo ao longo do segundo semestre de 2024 e início de 2025. A preocupação

no mercado de milho está fundamentada no baixo volume de estoques e demora até a entrada da safra de inverno. Com a colheita da safrinha no meio do ano, a situação tende a melhorar um pouco, inclusive com mercado futuro na B3 indicando preços de R\$72/saca com vencimento em setembro/25, uma boa oportunidade de hedge.

Porém, o ambiente ainda traz muitas incertezas, inclusive internacionais. O Governo Trump compra uma guerra tarifária com seus principais parceiros comerciais. A China compra 54% da soja norte-americana, o México 40% do milho e o Canadá é grande importador de etanol dos EUA e retaliações podem causar desequilíbrios nestes mercados. Portanto, cautela. ☹



Figura 2: Milho e farelo de soja no Brasil: evolução dos preços
Fonte: Cepea/Deral-PR/CILeite-Embrapa